

JORNAL: JORNAL DO BRASIL LOCAL: GUANABARA

DATA: 22/1/1971 AUTOR: WALMIR AYALA

TÍTULO: TAPETES SUECOS

ASSUNTO: SYDNEY - CATALAGO - IUA NCITADO EM DESTAQUE  
QUADRO AUSTRALIA

## artes plásticas

WALMIR AYALA

### TAPETES SUECOS

JB 22/1/71

A joalheria Zitrim, na Av. Atlântica, está mostrando uma coleção de tapetes suecos, experiências novas, que merecia estar no Museu de Arte Moderna. Quinze tapeceiras suecas e 36 trabalhos documentam um inquieto laboratório de pesquisa, que vai desde as composições que simplesmente refazem o quadro (a criação a partir do cartão) até tapete-objeto, tapete múltiplo, tapete modulável, etc. Mesmo nas experiências de ordem mais convencional, como nas montagens a partir do cartão, entra o elemento novo, como a técnica bruta do tapete de assoalho, finamente interpretada em formas abstratas que transfiguram o artesanato. Há trabalhos de dois artistas: um puramente desenhista, com as propostas mais ousadas do desenho moderno, e outro que tece o projeto.

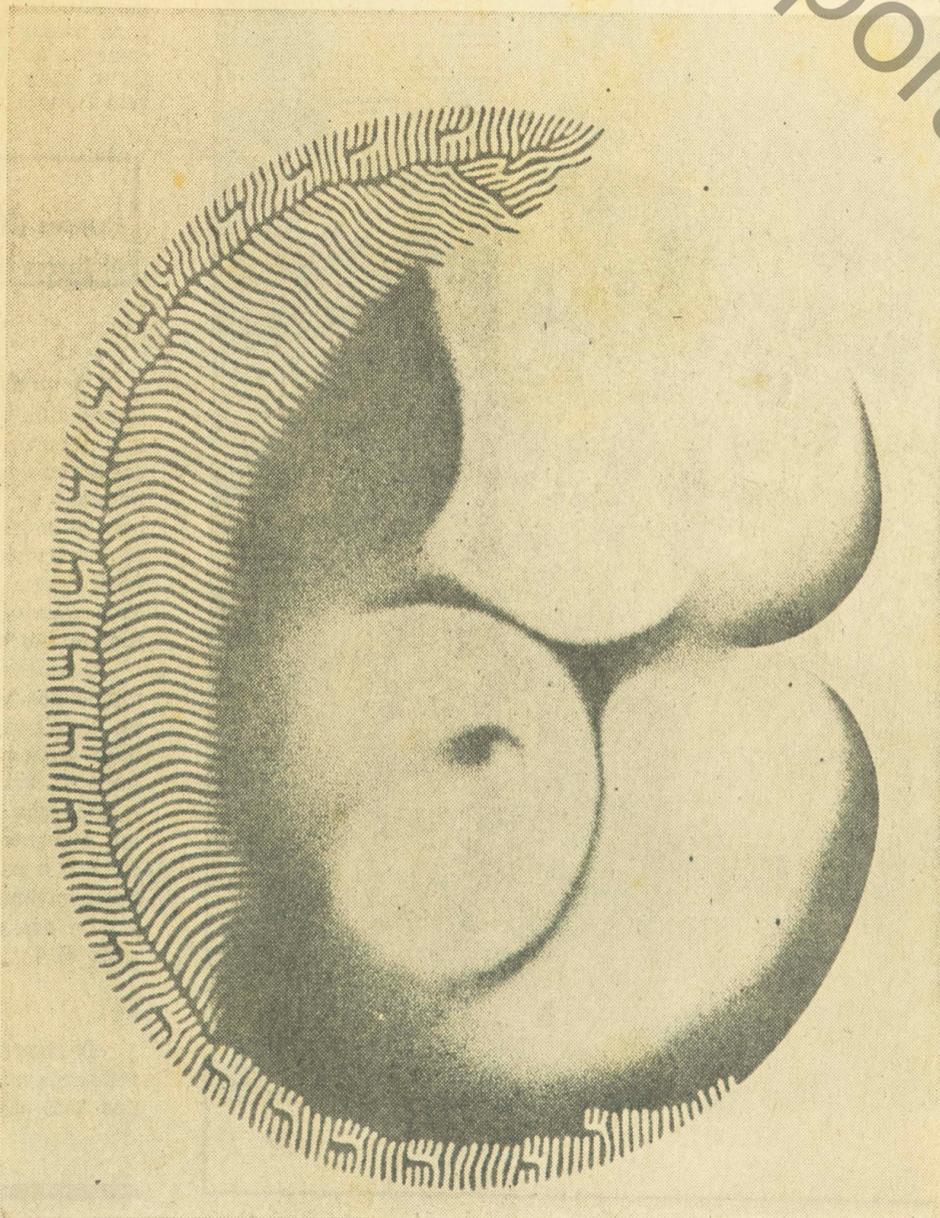
Todos os trabalhos desta exposição, diferentemente do que acontece no Brasil onde o surto da tapeçaria é notável, são confeccionados pelos próprios artistas. Nada de intermediários artesãos, exceção feita, certamente, para o tapete múltiplo, do qual o artista confeccionou mais de 200 cópias. O erro deste processo, em relação à produção sueca, é que, para tão alta tiragem, o artista está cobrando, na exposição, a exorbitância de Cr\$ 2.400,00. Logo, o múltiplo não se justifica.

Referindo-nos à sala de exposição, julgamos que os organizadores da mostra escolheram o caminho errado. A pseudogaleria cometeu uma gafe tremenda, barrando na noite da inauguração muita gente importante e inclusive, artistas que tinham concorrido à vernissage atendendo à publicidade feita nos jornais da cidade. Vale a pena notar que no convite não dizia absolutamente da necessidade de apresentar documento a porta, para ter acesso à mostra. Os colunistas, inclusive, deveriam estar informados disso para melhor instruir o público, evitando surpresas desagradáveis. Com certeza, a Zitrim ficou com medo do assalto às suas jóias e daí o erro de misturar uma exposição tão rica de propostas com uma loja que se dedica ao mais convencional dos comércios. Se nos referimos com tanta ênfase a este caso é porque recebemos várias queixas

de pessoas que foram barradas à porta da Zitrim. Valia a pena transferir esta exposição, dentro de alguns dias, para uma galeria de verdade, ainda mais nesta época do ano em que todas as galerias estão mais ou menos disponíveis, ou exibindo seus acervos.

Recebemos o catálogo das aquisições de 1970 do The Power Institute of Fine Arts the University of Sydney, na Austrália, com grande destaque dado aos artistas brasileiros que tiveram obras adquiridas, principalmente Ivã Serpa. Do Brasil foram adquiridos trabalhos de Emanuel Araújo, Nicola, Ivã Serpa e Toiota, ao lado de estrangeiros do gabarito de um Jasper Johns, Gottlieb, Robert Murray, Picasso, Tapies, Soto e Margot Fanjul. Sente-se que a informação para esta leva de aquisições anuais se baseou, principalmente na mostra internacional da última Bienal de São Paulo. O Instituto é dirigido por Bernard Smith e tem como *curator* Elwin Lynn.

A respeito de Ivã Serpa, podemos adiantar que o artista está decidido a estruturar sua grande exposição deste ano no Museu de Arte Moderna, no sentido de uma retrospectiva de desenho, em número não superior a 100. Num artista multifário como Ivã Serpa, a decisão é acertada. O rico acervo de seu desenho possibilitará aquela seleção ideal, o melhor de cada fase de uma esplêndida evolução técnica e conteudística. Vale a pena registrar o alto nível alcançado pelo desenho de Serpa, que neste momento exercita seus labirintos *ópticos*, com origem no caprichoso e voraz caminho das traças nas folhas dos velhos livros. Disto, Serpa fez brotar um exuberante sonho erótico, rosáceas redondas e generosas que se fundem e desdobram num misterioso abismo de luz e sombra. A carne palpitante e reconhecida num contraponto de estrias obsessivas, informadas da ilusória vertigem de uma verdadeira tecnologia criadora. Ivã Serpa está apto a ensinar aos computadores uma técnica mais perfeita. O que lhes poderá dar, ainda que queira, é este calor do humano, esta surpresa do orgânico, que em qualquer dos seus trabalhos é uma consciência pulsante.



SERPA NA AUSTRÁLIA